



1290003961

TCC/UNICAMP
B638c
1290003961/FEF

LARISSA ZINK BOLONHINI

**A CULTURA DO TALENTO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Jocimar Daolio

Campinas
2008

LARISSA ZINK BOLONHINI

A CULTURA DO TALENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Larissa Zink Bolonhini e aprovado pela Comissão julgadora em: 13/11/2008.

Jocimar Daolio
Orientador

Silvia Cristina Franco Amaral

Emerson Luis Velozo

Campinas
2008

Dedicatória

*Dedico esse trabalho ao meu avô, Opapa,
com muitas saudades e muito
amor.*

Agradecimentos

Agradeço o prof. Dr. Jocimar Daolio pela orientação, pela dedicação, pelo profissionalismo e pela amizade.

Agradeço meus pais, Carmen e Nelson, por simplesmente tudo.

Agradeço minha irmã, Sá, por ser meu maior exemplo e uma grande amiga.

Agradeço meu cunhado Andréi pelo livro e pelo exemplo de como lutar pelos sonhos.

Agradeço minha avó, Omama, meus tios Udo, Té e Marcão e minhas primas Ju e Má pelo amor que constituem a nossa família.

Agradeço a Cecília e o Flávio por me receberem tão bem em suas vidas.

Agradeço o Paulo por me trazer momentos de imensa alegria e muito amor.

Agradeço meus cachorros Tina, Pagu, Narizinho e Paco por estarem sempre dispostos a sujarem minhas roupas!

Agradeço a Márcia por me fazer compreender quem eu sou.

Agradeço os professores e os estagiários da Companhia Atlética e da Natação Taquaral pelo excelente convívio e pelo aprendizado.

Agradeço os casais Carol e Renato, Livia e Felipe, e os integrantes da Equipe Golfinho Azul Natação pela amizade de longos anos.

Agradeço, por fim, meus amigos e os integrantes do grupo de estudos GEPEFIC pela amizade e pelas discussões que me auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa.

BOLONHINI, Larissa Zink. **A Cultura do Talento na Educação Física**. 2008.51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

Este trabalho objetiva fornecer subsídios para uma discussão sócio-cultural do *talento* esportivo, uma vez que a maioria das concepções tradicionais de *talento*, pautadas em referenciais das Ciências Naturais, relevam as perspectivas sociais e culturais presentes no tema. Para o desenvolvimento dessa discussão, pautamo-nos em autores das Ciências Humanas, em especial no antropólogo Clifford Geertz. Propomos ainda que, na concepção de *talento*, o ser humano passe a ser visto como um ser sintético, em oposição à estratificação que sofre atualmente. Vimos, ao longo da pesquisa, que o tema *talento* se faz presente na mídia, nos discursos dos profissionais da área e de muitos atletas; por isso, é necessária uma discussão acerca dos valores que rondam o tema, de seus significados e da consequência do uso do termo na atuação de professores de Educação Física. Finalizamos o trabalho apontando as possibilidades e a importância de futuras pesquisas com o tema.

Palavras-Chaves: Talento Esportivo; Educação Física; Cultura.

BOLONHINI, Larissa Zink. **The Culture of the Talent in Physical Education**. 2008.51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

This research aims at providing input for a socio-cultural discussion on the notion of talent in sports. The most traditional concepts of talent, stemming from Natural Sciences' framework, refrain from exploring the social and cultural aspects pervading the theme. For developing this discussion, we drew on Human Sciences, especially on Anthropologist Clifford Geertz. We put forth the thesis that the concept of talent should allow us to start seeing the human being as a *synthetic* being, in opposition to the stratification with which Natural Sciences have treated the topic. Since the concept of talent circulates in the media, in the discourse of professional physical educators and in the speeches of many athletes, this research sustains it is necessary to map and investigate the values surrounding not only the notion of talent, but also its meanings and the consequences the usage of the term brings to the actions of physical education teachers. Finally, we appoint the importance and the possibilities of future researches with the theme.

Keywords: Sport Talent; Physical Education; Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	A influência das variáveis do meio ambiente sobre o atleta.....	42
Figura 2 -	Concepção Estratigráfica de Geertz (1989).....	45
Figura 3 -	Concepção Sintética de Geertz (1989).....	47

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Psicol. Psicológico

Biol. Biológico

SUMÁRIO

1 Introdução	13
2 A Perspectiva Usual sobre o Talento na Educação Física	15
3 Subsídios para uma abordagem Cultural sobre o Talento	30
4 A sintetização da concepção de talento: uma (re)leitura possível	41
Referências Bibliográficas	48

1 Introdução

Comecei a pensar a respeito da temática *talento* há mais ou menos oito anos. Naquela época, eu era integrante de uma equipe de natação competitiva e, como ocorre em muitos ambientes competitivos, freqüentemente a palavra “*talento*” era atribuída àqueles que se destacavam.

Naqueles tempos, o emprego da palavra *talento* para qualificar colegas servia como argumento final para explicar a falta de rendimento daqueles que eram considerados, portanto, *não-talentos*. A explicação do técnico era simples, e crianças, pré-adolescentes e adolescentes eram qualificados e simplificados em duas categorias, baseadas em apenas uma palavra.

Quando ingressei na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, deparei-me com inúmeras disciplinas e discussões que me auxiliaram a esclarecer minhas idéias acerca da problemática *talento*.

Contudo, devido à diversidade de conteúdos com os quais nos deparamos no decorrer da graduação (temos disciplinas cujos focos variam desde a biologia intracelular até a história da Educação Física), nos três primeiros anos da faculdade me dediquei a pesquisar e estudar outros temas.

De repente me dei conta que já estava no último ano da faculdade e ainda não havia me dedicado ao tema que me acompanhou durante grande parte de minha vida e no decorrer de toda a graduação; e, me formar sem transcrever e publicar meus pensamentos sobre a concepção de *talento* seria, para mim, uma formação incompleta. Eu ficaria em débito comigo mesma.

Sendo assim, com o auxílio do meu orientador, me encorajei e iniciamos a produção dessa pesquisa, que possui o objetivo central de fornecer subsídios para uma discussão sócio-cultural do *talento* esportivo.

Para alcançarmos o objetivo proposto, optamos por uma técnica de pesquisa de revisão bibliográfica. Levantamos, inicialmente, no segundo capítulo, as obras de alguns autores

que estudam o tema *talento* na área de Educação Física. Logo, no terceiro capítulo, optamos por selecionar as obras de autores que se pautam em referenciais das Ciências Humanas, tais como o antropólogo Clifford Geertz, para que a discussão sócio-cultural visada se tornasse possível.

Acreditamos que esse tema merece destaque, pois, receber a qualificação de ser um *talento* é considerado positivo. O nosso mundo procura *talentos* nas mais diversas áreas, e o esporte se destaca nessa procura. Aquele que é considerado *talento* pode receber mais atenção da família, do técnico, da mídia, enfim, da sociedade.

Entretanto, da mesma maneira pela qual aparentemente há vantagens em se receber essa qualificação, também há questões que merecem maiores reflexões. Quanto é cobrado desse *talento*? Quais as oportunidades dadas àqueles que não são considerados *talentos*? Qual o significado do termo para aqueles que trabalham na área de Educação Física?

Consideramos que reflexões sobre a maneira pela qual a sociedade significa esse termo fornecerá indícios a respeito de seus valores, de suas práticas de inclusão e exclusão de indivíduos, ou seja, de sua cultura.

Dessa forma, no primeiro capítulo há uma revisão bibliográfica da perspectiva tradicional do *talento* na área de Educação Física. Nesse momento, apresentamos o início dos estudos sobre a temática, algumas concepções de *talento* defendidas por estudiosos e ainda apresentamos as técnicas de seleção, detecção e promoção de *talento*.

No segundo capítulo apresentamos os subsídios para uma discussão sócio-cultural do *talento* esportivo. Como eles provêm das Ciências Humanas, iniciamos o capítulo relacionando a Educação Física com as Ciências Humanas; em seguida, discutimos o *talento* a partir das obras de dois autores centrais: Geertz (1989 e 2003) e Rubio (2001).

No terceiro capítulo contrastamos a perspectiva tradicional do *talento* (apresentada no primeiro capítulo) com a possível perspectiva que os subsídios nos fornecem (elaborada no segundo capítulo). Encerramos o trabalho apontando possibilidades de futuras pesquisas com esse tema.

2 A Perspectiva usual sobre o talento na educação física

“Quando as pessoas realizam grandes coisas, os outros muitas vezes explicam suas realizações atribuindo-as ao talento” (MAXWELL, 2007, p.13).

A estrutura do esporte, segundo Silva e Rubio (2003), muda proporcionalmente às transformações que ocorrem na sociedade. Ou seja, o fenômeno esportivo é um reflexo dos avanços científicos, tecnológicos, da política, da economia, dos valores e da cultura de uma determinada sociedade.

Para Tubino (1997), há um esporte da Antigüidade (que compreende todas as práticas esportivas desde a pré-história até as manifestações atléticas das Olimpíadas Gregas) e um esporte Moderno (que surgiu, segundo o autor, na Inglaterra, quando o pedagogo Thomas Arnold desenvolveu o conceito de esporte a partir do conceito de jogo).

Tubino (1997) acredita que o esporte evoluiu desde a Antigüidade até a Modernidade, e na sua evolução, pôde-se perceber três paradigmas: (1) o paradigma do esporte como ideal olímpico; (2) o paradigma do esporte como utilização política e (3) o paradigma do esporte como negócio.

Cada paradigma contribuiu com a temática em questão, o *talento* esportivo, de forma específica. Comentaremos, a seguir, o surgimento de cada paradigma e veremos as suas relações com os estudos sobre *talento*.

Retomando rapidamente ao esporte da Antigüidade, durante o período da realização dos Jogos Helênicos, o esporte era um meio de desenvolvimento do físico e da moral dos homens. Transpor seus limites individuais e superar suas dificuldades físicas e morais eram as maiores realizações para os atletas da época. O homem que realizasse esse feito, isto é, o homem que chegasse ao seu máximo na competição, se aproximaria de uma condição divina (SILVA E RUBIO, 2003).

O paradigma do esporte como ideal olímpico possui características semelhantes aos Jogos Helênicos, tais como a consolidação da moral e da ética esportiva. Dessa forma, o ideal de respeitar os adversários e as regras da competição, presentes nesse primeiro paradigma, é fruto dos jogos da Antigüidade.

Já no século XX, Rubio (2001) afirma que o esporte também foi influenciado pelas transformações socioculturais da época e, por isso, incorporou características da sociedade industrial moderna, refletindo sua organização, suas diferenças sociais, políticas, econômicas e culturais.

A partir desse século, o esporte passou a ser um fenômeno altamente quantificado. Silva e Rubio (2003) relatam que houve valorização dos records: a sociedade passou a mensurar cada detalhe no esporte. O avanço tecnológico permitiu que os cronômetros passassem a registrar os centésimos de segundo (CAGÍGAL, 1996), além de permitir que as fitas métricas registrassem as distâncias em milímetros. Fatores como o vento, a umidade e a temperatura passaram a ser considerados como influenciadores no desempenho e, por isso, passaram a ser mensurados em dia de competição.

Conseqüentemente, o atleta também passou a ser quantificado: os estudos em Bioquímica, Fisiologia e Anatomia se dedicaram a descobrir relações entre o desempenho e as quantidades de fibras, o volume de oxigênio, e a frequência cardíaca, por exemplo. Afinal, a sociedade estava organizada, segundo Rubio (2001), de forma a valorizar a vitória, o melhor, o mais forte, o mais habilidoso, o mais veloz, ou seja, tudo aquilo que pudesse ser quantificado.

Sendo assim, essas características do esporte moderno favoreceram o direcionamento dos estudos rumo ao tema *talento* esportivo. Enquanto na Antigüidade, conforme dito anteriormente, valorizava-se os homens que superassem seus limites individuais, na modernidade passamos a valorizar aqueles que superassem os limites de um grupo, isto é, aquele indivíduo que fosse mais “*adjetivo*” do que os demais em algo.

E tanto na definição de *talento*, como também nos critérios de seleção, detecção e promoção de *talento*, estão envolvidos valores quantificáveis, conforme veremos a seguir.

É interessante avaliarmos o contexto de produção dos primeiros estudos da temática *talento* porque eles podem esclarecer e justificar o rumo que foi tomado acerca dessa questão. Orlandi (2003) diferencia dois tipos de contexto de produção de discursos: o contexto amplo e o contexto imediato. Já comentamos o contexto amplo, isto é, o contexto sócio-histórico-

ideológico no qual se iniciaram os estudos sobre o *talento*: a sociedade contemporânea que exacerbava a quantificação do esporte. Apresentaremos, nesse instante, o contexto imediato, ou seja, a estrutura e os acontecimentos do local onde se iniciaram os estudos sobre *talento*.

De acordo com Joch (2005), os estudos envolvendo o *talento* esportivo surgiram na Alemanha, por volta da década de 1960, com o objetivo de fornecer subsídios para detectar atletas que pudessem vir a ser grandes campeões. O pensamento que instigou esses estudos seguia o raciocínio de que o mundo não se contentava mais com atletas gênios que poderiam ou não surgir de tempos em tempos (JOCH, 2005).

Nesse período, o esporte se situava em seu segundo paradigma: o paradigma do esporte como utilização política. O primeiro indício desse novo período do esporte ocorreu nas Olimpíadas de Berlim, em 1936. Nessa época, Adolf Hitler utilizou-se do espaço da competição para tentar comprovar a sua teoria nazista da superioridade da raça ariana (Tubino, 1997).

Em 1960, a Alemanha ainda se encontrava em situações sociais e políticas especiais devido à sua derrota na Segunda Guerra Mundial. Nesse momento histórico, o mundo estava abalado pelas tensões da Guerra Fria, e, pelo fato do território alemão estar dividido em dois, a Alemanha Ocidental e a Oriental, o país encontrava-se em pleno centro da Guerra Fria. Tubino (1997, p.20) coloca que “a grande evidência do uso político do esporte ocorreu efetivamente com o início da chamada ‘Guerra Fria’, após a Segunda Guerra Mundial”.

Assim, o esporte tornou-se um palco para diversas manifestações políticas: desde protestos de atletas negros no pódio nas Olimpíadas de 1968, atentados terroristas nas Olimpíadas de 1972 a boicotes de países às Olimpíadas de 1980, 1984 e 1988.

Em outras palavras, o esporte era tanto um veículo de representação das disputas entre os países, ou seja, os países, através do esporte, demonstravam sua força política, sua estabilidade econômica, seu alinhamento político, como um palco para apresentação das reivindicações de grupos que se consideravam discriminados.

Tubino (1997) ainda relata que o Estado passou a apropriar-se do esporte e, com isso, os resultados esportivos passaram a ser frutos do investimento do governo. O sucesso dos países no esporte era considerado consequência dos efeitos das suas condições sociais e econômicas (Tubino, 1997). Por isso, um sistema organizado, que promovesse atletas de porte internacional, capazes de representar o país em competições de alto nível, era necessário.

As duas Alemanhas, durante a Guerra Fria, a partir do exemplo da Alemanha Nazista nos Jogos Olímpicos de 1936, sabiam da capacidade do esporte de transmitir valores e ideologias e, por isso, resolveram usá-lo como propaganda a seu favor. Uma forma de se fazer tal propaganda era através da posição dos atletas no pódio em competições de dinâmica mundial. Assim, todos os países veriam que os melhores atletas do mundo eram ou do bloco comunista, ou do bloco capitalista.

Era necessário, assim, um sistema que garantisse o surgimento desses atletas e foi então que tiveram início os estudos sobre a problemática do *talento*. Esses estudos partiram da iniciativa da Associação Alemã de Atletismo em fundar um Conselho de Rendimento, sob a direção de um médico – Dr. Harald Mellerowicz, que passou a considerar o tema *talento* como o principal problema de pesquisa. As tarefas desse conselho se resumiam a: iniciar a pesquisa de desempenho esportivo; aconselhar as instituições esportivas por meio de pareceres cientificamente fundamentados; propiciar conhecimentos da área através de palestras e publicações; planejar e coordenar um sistema de promoção de desempenho (JOCH, 2005).

Assim, as condições de produção do século XX eram extremamente propícias para o surgimento das discussões englobando o *talento* esportivo: no contexto amplo, os valores da sociedade do século XX favoreciam os estudos quantitativos acerca do esporte. E, no contexto imediato, a Alemanha foi o local onde se iniciaram as discussões porque o país necessitava que o esporte – em seu paradigma de utilização política – demonstrasse a sua recuperação política, econômica e cultural após a derrota na II Guerra Mundial.

Passaram-se quase cinquenta anos desde que se iniciaram os estudos sobre a temática *talento*. Atualmente são inúmeros os estudos, na área de Educação Física, que englobam esse termo. O que garantiu a perpetuação dos estudos sobre a temática em questão foi justamente o terceiro paradigma da evolução do esporte, o paradigma do esporte como negócio.

Nesse paradigma, o esporte passou a ser considerado um produto e, assim, quanto maior for o espetáculo que proporciona, mais lucro produz. Nesse momento, ao invés do investimento no esporte ser apenas estatal, ele passou a ser também das iniciativas privadas, que tinham, por objetivo, lucrar com a promoção e operação do esporte (BETTI, 1998). Como retorno dos investimentos, o esporte passou a vender os logos, as marcas e as imagens daqueles que o patrocinam. O fato que marca o início desse período foi quando o nadador Mark Spitz mostrou, no pódio olímpico, em Munique (1972), o tênis da marca Adidas.

Muitas empresas patrocinam esportistas para que os consumidores associem os valores dos atletas aos valores dos produtos (TAMBUCCI, 1997). No entanto, não é qualquer atleta que é patrocinado. Os atletas com patrocínio são aqueles que correm, nadam, pedalam mais rápido; que são mais ágeis e mais criativos; que captam mais fãs e chamam mais atenção; enfim, que produzem mais espetáculo.

Portanto, as empresas que investem no esporte necessitam de atletas extraordinários para produzirem o espetáculo tão esperado pelo torcedor e, assim, venderem seus produtos. Por isso, continuaram-se os estudos sobre o *talento*: para que sempre apareçam novos atletas que se enquadrarão no perfil da mídia e, assim, garantirão a continuidade do show.

Helal (1998) afirma que os atletas que proporcionam o show são os responsáveis pela sustentação do esporte, uma vez que a sociedade se identifica com eles e, então, acompanha fielmente seus jogos, suas partidas, suas corridas etc.

Devido à identificação das pessoas, os produtos vendidos pelas marcas que patrocinam os atletas são objetos de consumo garantido. Por esse motivo, a caça aos *talentos* se transformou na caça ao tesouro do século XX no mundo capitalista.

Para melhor compreensão da maneira pela qual o tema *talento* vem sendo abordado na área, nos propomos a fazer um breve resumo dos trabalhos que tratam dessa problemática na Educação Física. Iniciaremos a análise citando alguns autores da área que se dedicaram a estudar o *talento* e outros fatores a ele associados.

No Congresso Científico das Olimpíadas de Seul, em 1988, o *talento* esportivo foi definido pelos cientistas como: pessoas que atingem resultados superiores aos das outras, situadas no mesmo estágio de vida, devido às suas capacidades de performance (MATSUDO, 1989).

Ou seja, para os estudiosos do Congresso, citados por Matsudo (1989), uma pessoa, para ser considerada *talento*, precisa **ter** certas capacidades que proporcionem um desempenho acima da média esperada pela idade. Essas capacidades, segundo os especialistas, são predominantemente influenciadas pela genética, embora se reconheça que o “meio ambiente”¹ exerce mínima influência.

Ainda refletindo sobre as concepções apresentadas por Matsudo (1989), para o autor, as pesquisas que envolvem a temática *talento* possuem diversas vantagens. Uma delas seria

¹ Termo utilizado por Matsudo (1989).

que as crianças consideradas com o *talento* seriam encaminhadas adequadamente ao esporte, evitando desperdício de promessas esportivas. Outra vantagem seria que, por outro lado, aquelas pessoas que não fossem consideradas *talento* não se iludiriam com a possibilidade de seguir uma carreira esportiva.

Joch (2005) apresenta uma concepção de *talento* anos após a definição apresentada por Matsudo (1989). Para o autor (op.cit., p.66),

É considerado um *talento* quem alcança, com vontade e prontidão para o desempenho e dentro das possibilidades do ambiente real, resultados de desempenho de capacidades evolutivas acima da média da idade (de preferência comprovadas em competições), que representem o resultado de um processo ativo, acompanhado pedagogicamente e dirigido intencionalmente pelo treinamento e que esteja direcionado objetivamente para um nível elevado de desempenho (esportivo), a ser alcançado mais tarde.

De acordo com essa perspectiva de Joch (2005), o *talento* esportivo contém duas vertentes relacionadas e interligadas: uma estática e uma dinâmica. Enfocaremos, nesse instante, a vertente estática do *talento*.

A vertente estática é caracterizada pela presença de quatro elementos chaves, considerados condições para a classificação de um *talento*: a disposição, a prontidão, a influência do meio social e a existência de resultados.

Joch (2005) apresenta a disposição como um fator embrionário propenso a altos desempenhos esportivos que ainda não se desenvolveu, mas que, no entanto, irá se desenvolver.

A prontidão é definida pelo autor como a força de vontade, o interesse, a motivação do atleta para atingir os respectivos resultados esportivos. O *talento* sofre influência do meio social, que lhe fornece recursos e meios de desenvolvimento. E, finalmente, o *talento* é comprovado através dos resultados do desempenho, que devem ser acima da média, afirma o autor.

Portanto, na concepção de *talento* estático, para Joch (2005, p.64, grifo nosso) temos a seguinte definição:

Uma pessoa pode ser classificada como *talento* (esportivo), quando **possui** (principalmente devido à genética) disposições para alcançar altos desempenhos esportivos, quando possui a prontidão para também realizá-los, quando encontra as possibilidades sociais para tal e quando pode comprovar, por meio de documentação, os resultados alcançados.

Nota-se que tanto a definição de Matsudo (1989) quanto a definição de Joch (2005) estão relacionadas a duas teorias: à teoria comportamentalista, que atribui ao meio ambiente a responsabilidade pelo *talento* e à teoria inatista que atribui à genética a responsabilidade pelo *talento*.

A teoria comportamentalista, cujo autor principal é Skinner, considera que o meio ambiente interfere fortemente no comportamento do indivíduo através do mecanismo de estímulo e resposta. O meio ambiente oferece um estímulo e o indivíduo se modifica ao responder a esse estímulo (SKINNER, 1975).

Sendo assim, a teoria comportamentalista se relaciona aos estudos de *talento* - na visão de Matsudo (1989) e Joch (2005)-, porque esses autores acreditam que, se o meio ambiente fornecer ao indivíduo os estímulos necessários (favoráveis), ele terá *talento*. Vale lembrar que, para Matsudo (1989) a influência do meio ambiente é mínima.

Já a teoria inatista possui duas vertentes: uma baseada na teologia e uma baseada na biologia. A baseada na teologia (que será aprofundada futuramente) crê que o ser humano foi formado por um ente superior e, portanto, a responsabilidade do *talento* humano é de Deus; já a baseada na biologia, mais defendida por Darwin, sustenta a idéia de que os indivíduos mais qualificados possuem maiores chances de sobrevivência, e, por isso, suas qualificações são transmitidas geneticamente (SILVA, 2004).

Portanto, a teoria inatista biológica também está relacionada à concepção de *talento* de Matsudo (1989) e Joch (2005) porque eles acreditam que a existência do *talento* depende da genética do indivíduo.

Há aparentemente, dessa maneira, uma incerteza na origem do *talento* desses dois autores, pois eles atribuem a existência de *talento* tanto ao meio ambiente quanto à genética.

Kiss et all (2004) definem o *talento* como pessoas que **possuem** aptidão especial para o desempenho esportivo. Assim como nas definições anteriores, há uma relação entre o *talento* e o desempenho esportivo.

Matsudo et all (2007), aproximadamente dezoito anos mais tarde, apresenta mais uma concepção de *talento*. Para o autor, a palavra *talento* define crianças (em geral de oito a dezoito anos) qualificadas, por especialistas, como capazes de apresentar alto desempenho devido ao **porte** de capacidades excepcionais e aptidões intelectuais.

Notamos que as duas definições do autor são muito próximas: há a semelhança no quesito da necessidade da existência de capacidades e na conquista de um alto desempenho devido a essas capacidades.

Na verdade, ao categorizar as palavras-chaves das quatro concepções dos autores citados acima – Matsudo (1989), Joch (2005), Kiss et all (2004) e, novamente, Matsudo et all (2007) - teríamos, em comum apenas: as capacidades (representando fatores biológicos do corpo humano) e o desempenho esportivo.

Para exemplificar a relação entre os fatores biológicos e o desempenho esportivo, Matsudo et all (2007) colocam que o desempenho (aptidão física) compreende fatores biológicos, tais como: antropométricos (como, por exemplo, peso corporal, estatura, envergadura, perímetros musculares, diâmetro dos ossos, comprimento dos membros superiores e inferiores, quantidade de massa magra e de gordura); metabólicos (como o consumo máximo de oxigênio, a potência anaeróbica, láctica e aláctica) e as variáveis neuromotoras (bem como a força muscular dos membros, a velocidade, o tempo de reação, a agilidade, a flexibilidade e o equilíbrio).

Uma pessoa, portanto, de acordo com essa perspectiva, para ser considerada um *talento* esportivo, deve apresentar superioridade nos fatores antropométricos, metabólicos e/ou neuromotores.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Matsudo et all (2007), Kiss et all (2004) dedicam grande tempo de sua tese apresentando estudos referentes ao desempenho e *talento* esportivos, título de sua obra. O que vemos são inúmeros autores co-relacionando capacidades como força, VO2 máximo, velocidade, frequência cardíaca, aspectos morfológicos etc., ao desempenho esportivo.

É interessante verificar que acabamos de visualizar uma proximidade na construção do conceito de *talento* na Educação Física: a relação que é apresentada entre *talento*, capacidades (biológicas) e desempenho esportivo. Na tese dos autores, a teoria segue a lógica de que a palavra *talento* é utilizada para definir pessoas com certas capacidades que proporcionam um alto desempenho. E tanto o *talento* quanto o desempenho são mensurados através das capacidades biológicas.

Essa relação demonstra uma raiz que se mostrou determinante na Educação Física há tempos e acabou por interferir na construção do conceito de *talento*: a linha de pensamento médico-higienista.

A área de Educação Física sempre foi influenciada por três “cadeias” (Bracht, 1989): a cadeia médica, a cadeia militar e a cadeia esportiva. Na cadeia médica, que nos interessa em especial nesse momento, o professor tinha função de agente da saúde e o aluno tinha função de paciente e, dessa forma, a exigência era que o corpo fosse saudável. Nessa época, a Educação Física procurou desenvolver nos alunos suas aptidões, talentos e vocações. Para ilustrar essa influência da cadeia médica, é interessante lembrarmos que nos primeiros estudos sobre *talento* na Alemanha na década de 1960, era um médico quem dirigia o órgão responsável pelas pesquisas.

A Educação Física, então, sob influência da cadeia médica, se pautava em referenciais biológicos, e objetivava promover a saúde. O conceito de *talento* seguiu o mesmo percurso teórico que a Educação Física: objetiva o desempenho esportivo e origina-se de uma linha teórica pautada nas Ciências Naturais. Essa linha teórica adota metodologias quantitativas de pesquisa que explicam o *talento* através da presença de capacidades físicas no corpo humano. Por isso afirmamos no início do capítulo que as concepções de *talento* são pautadas em valores quantitativos.

Voltando nossa atenção às definições de *talento* até então apresentadas, adotamos grifos para salientarmos outra proximidade na concepção dos autores.

Nas definições expostas acima, o *talento* aparece como resultado da presença de algo. Por isso, salientamos o verbo “ter” na concepção de Matsudo (1989), o verbo “possuir” nas concepções de Joch (2005) e de Kiss et al (2004) e o verbo “portar” na concepção de Matsudo et al (2007). De acordo com todos esses autores, temos a lógica de que a existência do *talento* é determinada por uma condição: se a pessoa tem, possui ou porta certas características. O sentido dessa interpretação é que o atleta que tiver determinadas características também tem *talento*.

Relembremos, nesse instante, a vertente dinâmica da concepção de *talento* de Joch (2005). Essa vertente possui semelhança as idéias de Benda (1998): o conceito de *talento* é movido por uma crença de que a pessoa é capaz de ter um desempenho final porque “há vocação para tal”.

Semelhantemente às outras concepções de *talento*, nessa vertente dinâmica do *talento* esportivo de Joch (2005), a pessoa, para ser considerada um *talento*, também necessita ter algo.

No entanto, o que se tem é diferente das características físicas das concepções de Matsudo (1989), Joch (2005) – vertente estática –, Kiss et al (2004) e Matsudo et al (2007). Na vertente dinâmica de *talento*, a pessoa é um *talento* porque possui “a vocação para tal”. Essa vocação pode ser explicada como fatores intrínsecos do indivíduo, como algo não muito palpável e nem tão bem explicado como as qualidades físicas das outras concepções.

A existência de *talento*, nessa nova perspectiva, depende de uma qualidade interna do indivíduo: a consequência disso é a possibilidade de uma interpretação de que a pessoa é um *talento*.

Há uma grande diferença quando o *talento* é interpretado como algo que se tem – visualizado nas concepções de Matsudo (1989), na concepção de *talento* estático de Joch (2005), de Kiss et al (2004) e Matsudo et al (2007) – ou quando é considerado como algo que se é – representado na concepção de *talento* dinâmico de Joch (2005).

É muito freqüente em nossa sociedade, a crença de que o atleta é um *talento*. Nessa crença, o *talento* é visto como um dom. Para Benda (1998, p.5), “ao analisar o termo *talento*, há tendência a se utilizar o conceito *dom*, como se alguém fosse presenteado com qualidades, capacidades, com um potencial”.

Giglio (2007, p.97) estudou se a presença de ídolos ou heróis do futebol é um fator determinante na profissionalização de jogadores. No entanto, no decorrer de sua pesquisa, pôde verificar a proximidade entre o termo *talento* e o dom:

... é possível inferir que o dom materializa-se na forma do *talento*. [...] No meio futebolístico, somente há dom a partir do referencial *talento*. O *talento* como sinônimo de dom é explicado como algo genético, natural, dádiva divina, etc. (...).

Tendo sua origem no discurso bíblico², a palavra *talento* é compreendida, conforme dito anteriormente, como sendo uma habilidade inata, natural, sinônima de dom ou vocação, concedida por uma entidade superior: Deus. Como consequência dessa concepção de *talento* como um dom, como uma dádiva divina, Giglio (2007) afirma que há uma crença de predestinação para a atividade, isto é, antes do nascimento o ser já estava fadado a conquistar os feitos.

² A origem do termo talento equivalente a habilidades humanas está presente na Bíblia, no Capítulo 25 de Mateus. A Bíblia é um documento histórico, e por ser considerada por muitos como um dogma, é grande formadora de opiniões. Por isso é importante verificarmos a influência que essa fonte faz na concepção de talento.

Romário, famoso jogador de futebol, em depoimento à mídia no ano de 2002, após sua contratação pelo Fluminense, ressalta: "Quando eu nasci, Deus apontou o dedo em minha direção e disse: esse é o cara" (informação verbal³). Giglio (2007) verificou também, em sua tese, que vários jogadores afirmaram durante as entrevistas a que foram submetidos no decorrer da pesquisa que os melhores jogadores de futebol são brasileiros porque "está no sangue do brasileiro", "somos os melhores porque possuímos o dom" (GIGLIO, 2007, p.81).

Masseto et all (2007) estudaram a concepção de *talento* na percepção de cinco nadadoras olímpicas. Na concepção de três atletas, o *talento* aparece como um dom inato: "E o *talento* mesmo assim, acho que é meio que um dom, que a gente recebe mesmo..." (informação verbal⁴); "Acho que *talento* é um dom. Acho que você nasce com ele, você não adquire com o tempo." (informação verbal⁵).

Ambos os estudos apresentados demonstram que é muito comum a concepção de *talento* como um dom. Masseto et all (2007) ainda apontam que a ciência não aceita a simplificação do termo *talento* em dom. E, de fato, as concepções dos autores expostas acima demonstram que a concepção de *talento* se expandiu, tornou-se algo dependente da presença de capacidades, algo resultante de um processo. No entanto, não podemos negar que a crença de que o *talento* é um dom é ainda muito forte na visão de senso comum de atletas, e talvez até de educadores físicos.

Dentro das perspectivas biológica e religiosa da concepção de *talento*, esse termo é um conceito que pode ser selecionado, detectado e promovido. Discutiremos essas três possibilidades a seguir.

A seleção de *talentos* envolve os meios utilizados para determinar aqueles indivíduos que possuem as características necessárias para serem admitidos em treinamentos de longo prazo com o objetivo de desempenho de alto nível (KISS et all, 2004). Joch (2005) relata que as pessoas que não possuem as características esperadas são eliminadas rapidamente do grupo de atletas, ou, então passam por uma fase de experiência. Nessa fase, o grupo de participantes considerados não-talentos reconhece que não consegue enquadrar-se no sistema do esporte de alto rendimento.

³ Masseto et all 2007, p. 190.

⁴ Depoimento da atleta 02 (MASSETO et all, 2007, p.192).

⁵ Depoimento da atleta 05, (MASSETO et all, 2007, p. 192).

A seleção de talentos é, portanto, um sistema segregador e excludente, uma vez que condena as pessoas que se interessam pelo esporte competitivo - e que, apesar do interesse, não são definidas como talentos - à não participação até mesmo do processo de treinamento, uma vez que os especialistas não vêem condições da conquista de um alto rendimento e, portanto, não investem esforços nessas pessoas.

A detecção de *talentos* é compreendida por Böhme (1995) como sendo um conjunto de métodos que visa a encontrar um alto índice de crianças e adolescente dispostos e preparados para passarem por um programa de “formação esportiva geral básica”.

Contudo, Benda (1998) afirma que freqüentemente essa etapa de formação esportiva geral básica é substituída por uma especialização precoce. Em decorrência dessa substituição, do alto estímulo de competição desde as categorias mais baixas, das cobranças dos pais por um alto desempenho de seus filhos e das expectativas dos técnicos em desenvolver campeões rapidamente, há o fenômeno denominado de especialização precoce (BENDA, 1998; PAES, 1992): as crianças atingem um alto desempenho, mas, no momento de se tornarem profissionais, acabam optando por abandonar o esporte.

Além disso, Seurin (1983, apud PAES, 1992, p.38)⁶ questiona que “o sucesso momentâneo não pode ser uma segurança para o futuro”. Assim, as características que determinam se uma criança está ou não preparada para passar por um programa de formação esportiva básica são muito flutuantes, incertas, pois são fiéis a apenas aquele momento.

É importante notar a diferença entre a detecção e a seleção de *talento*: enquanto a detecção de *talento* é uma busca, uma procura por pessoas que supostamente estão prontas para serem submetidas a um treinamento de longo prazo, a seleção de *talento* é uma escolha de indivíduos que, naquele instante, apresentam as características favoráveis para um alto desempenho.

Contudo, tanto a seleção quanto a detecção de *talentos* medem, exclusivamente, os fatores biológicos, em especial, as condições antropométricas (BENDA, 1998), conforme veremos a seguir.

Matsudo et all (2007) apresentam o índice Z, parâmetro científico que acreditam ser eficiente na predição de um *talento*. Nesse índice, o “Z” equivale à distância que o

⁶ SEURIN, P.A. Manipulação da criança para o sucesso esportivo. **Boletim FIEP**, v.53, p.15-17, mar., 1983.

avaliado se encontra em relação à média de referência da população. O indivíduo avaliado, para ser considerado um atleta de nível internacional, precisa atingir ou superar o resultado de $Z = 4$. Esse valor representa que a probabilidade de encontrar um resultado parecido com o atingido pelo indivíduo é menor que 0,01%, relatam Matsudo et al (2007). Nesse caso, o indivíduo é um *talento*.

Hommel et al (1977, apud JOCH, 2005)⁷ afirmam que há dois tipos de testes de classificação de um *talento* esportivo: os testes básicos para todas as modalidades como, por exemplo, o índice Z exposto acima, e os testes específicos de cada modalidade.

Tendo isso em vista, inúmeros autores dedicam-se a levantar os fatores biológicos determinantes para cada modalidade. Por exemplo, Franchini (1999) levantou as bases para a detecção e promoção de *talentos* no judô e Bertuzzi et al (2001) pesquisaram as características antropométricas e o desempenho motor em escaladores de elite.

Retomando a promoção de *talento*, para Benda (1998, p.96) esse processo se resume à “utilização dos procedimentos de treinamento e outras medidas que levam os talentos a atingirem o seu desempenho esportivo ótimo”. Nota-se que a promoção só é possível após a etapa de seleção e detecção, uma vez que a promoção é um processo que envolve longas etapas de treinamento.

Benda (1998) ainda relata que os processos de detecção, seleção e promoção não apresentam precisão, isto é, não existem métodos cientificamente comprovados. Como a resposta da pergunta “é ou não um *talento*”, está ainda muito sujeita à subjetividade do professor, há grande possibilidade de erro na escolha. E errar no “diagnóstico” pode ser um desperdício de uma promessa ou uma perda de tempo, uma ilusão, conforme afirma Matsudo (1989).

Após discutirmos a origem, as concepções e os processos de seleção, detecção e promoção de *talento*, há ainda algumas questões que devem ser observadas sobre o tema.

O conceito de *talento*, segundo os autores em questão – salvo, em partes, a concepção de *talento* de Matsudo (1989) e de *talento* estático de Joch (2005) - reflete uma perspectiva segundo a qual o ser humano é visto como um ser excepcionalmente biológico, dissociado de suas condições psicológicas, sociais e culturais.

⁷ HOMMEL, H. et al. *Nachbemerkungen zu BLV – und LV – Talentsichtung*. In *Die Lehre der Leichtathletik*, 1977

Muito próximo dessa perspectiva está Matsudo (1989) que relata que as condições ambientais (não especificadas pelo autor) interferem *minimamente* na evolução de um *talento*.

Não muito aquém disso, Joch (2005) cita a influência das condições sociais, dizendo que elas devem ser propícias para o desenvolvimento do *talento*. Nessa tese, as “instâncias da socialização [...] influenciam o desenvolvimento do *talento* de maneira a criar as condições para que o *talento* possa se revelar, experimentar e desenvolver suas capacidades” (JOCH, 2005, p.106). Para esse autor, o lar é a instância que mais influencia no *talento* e, em seguida, a escola. Essa influência ocorre devido à interação entre o *talento* e os valores das instâncias de socialização, que acabam por serem adquiridos pelos talentos.

Masseto et all (2003) afirmam que estudaram as “variáveis culturais” do tema *talento* através da opinião de técnicos de equipes de base. O intuito da investigação era o de encontrar fatores pessoais (como características de personalidade e emoções) que afetam o desempenho e que possuem relação direta com o desenvolvimento psicológico no esporte.

Masseto et all (2007) citam nove autores que analisaram fatores psicossociais que poderiam influenciar no desenvolvimento do *talento* do atleta. “Em comum, estes autores ressaltaram a importância da participação dos pais, técnicos, familiares e amigos no desenvolvimento deste indivíduo” (MASSETO et all, 2007, p.190).

Embora esses últimos autores referenciados citem as vertentes sociais, psicológicas e até culturais na concepção do *talento* esportivo, não há a visão da complexidade e interação entre esses fatores. O lar, a escola, as associações esportivas, com certeza influenciam e transmitem valores aos atletas considerados *talentos*, mas como isso ocorre? Sem dúvida as condições psicológicas influenciam no desenvolvimento do *talento*, mas como o atleta com *talento* forma suas concepções, como ele se torna o que é? A opinião de técnicos, a participação dos pais e amigos são, sem dúvida, variáveis culturais do tema *talento*; mas a cultura é algo muito mais complexo, amplo e incerto do que essas participações.

Portanto, esses autores se limitam a citar as vertentes psicológicas, sociais e até culturais da temática *talento*, mas não se aventuram em estudá-las, em aprofundar-se em seus meandros. A concepção de *talento* na Educação Física está no que é seguro de acordo com sua raiz médico-higienista. Quando a área refere-se ao *talento*, parece estar se referindo a um corpo predominantemente biológico que pode resultar altos desempenhos.

3 Subsídios para uma abordagem cultural sobre o talento

“O talento é algo muitas vezes superestimado e frequentemente mal entendido”
(MAXWELL, 2007, p.13).

O ser humano com *talento*, conforme já mencionado, na maioria das concepções encontradas na literatura da Educação Física, ou nos é apresentado como um ser determinadamente biológico ou nos é apresentado como sinônimo de dom.

Alguns poucos autores aventuram-se apenas a citar a possibilidade de condições sociais, psicológicas e culturais influenciarem na formação de um *talento*, tais como Matsudo (1989), Joch (2005) e Masseto et al (2003). Sendo assim, a partir desse instante, passaremos a apresentar subsídios teóricos que permitem acreditar que os caminhos pouco explorados pelos autores (especialmente as vertentes sociais e culturais na concepção de *talento*) são viáveis.

Como o referencial teórico que será utilizado a partir desse instante se pauta nas Ciências Humanas, dissertaremos, a seguir, como ocorreu a introdução das questões sócio-culturais nos debates da Educação Física.

Na história da área, houve, durante muito tempo, o predomínio e a influência do pensamento médico-higienista. As Ciências Naturais, nesse período, eram as únicas fontes de explicação do corpo humano. A partir da década de 1980 iniciaram-se mudanças em relação ao predomínio da base médico-higienista na Educação Física: buscava-se uma nova identidade para essa área. Alguns estudiosos da área pensaram em uma possibilidade de se estudar o movimento para além das bases da biomedicina. Daolio (2004) afirma que o debate acadêmico na Educação Física foi incrementado, o domínio das Ciências Naturais sobre essa área passou a ser questionado e a perspectiva sociocultural passou a ser realçada.

Sendo assim, a partir da década de 1980, a questão sociocultural da Educação Física passou a ser discutida. Atualmente, enfim, “não causa mais polêmica afirmar que a educação física lida com conteúdos culturais” (DAOLIO, 2004, p.1).

Como resultado da introdução de questões sócio-culturais no debate da Educação Física, a área, atualmente, também busca aporte em teorias das Ciências Humanas, e não mais se justifica apenas através das Ciências Naturais. Nos currículos de graduação, há ainda um predomínio das disciplinas biológicas e esportivas, no entanto, há espaços para disciplinas como Sociologia, História e Antropologia (DAOLIO, 2004).

É de interesse para este instante do trabalho expor a relação existente entre a Antropologia Social e a Educação Física, uma vez que nos nortearemos em reflexões antropológicas sobre o corpo e a sociedade (promovidas por antropólogos e/ou educadores físicos) para apresentarmos os subsídios para as discussões sócio-culturais acerca do *talento* esportivo.

Magnani (2001, p.17) afirma que a Educação Física se aproxima da Antropologia Social quando “busca modelos explicativos nos conceitos de cultura, sociabilidade, grupos de idade, ritos de passagem, dinâmica social, entre outros”. Esse autor ainda defende que o corpo é o ponto para o qual a Antropologia e a Educação Física convergem. Para a Educação Física, o corpo é o núcleo de pesquisas e, para a Antropologia, o corpo “é a primeira e mais disponível matéria-prima sobre o qual a sociedade imprime sinais que marcam diferenças, pertencimentos, exclusões, privilégios” (MAGNANI, 2001, p.18).

Ainda na discussão sobre o corpo, Daolio (2001, p.32) coloca que “uma concepção antropológica possibilita ampliar a visão da Educação Física sobre o corpo para uma entidade maior do que um conjunto biológico de ossos, músculos, articulações, nervos e células”. E é essa amplitude que queremos atingir nessa discussão sobre o *talento*: queremos ampliar o conceito para algo além de um corpo biológico privilegiado com suas capacidades.

A concepção já presente de *talento* na Educação Física, que se pauta nas teorias advindas das Ciências Naturais, não é suficiente se considerarmos o escopo teórico com o qual estamos trabalhando. Isso porque é possível interpretarmos que, na concepção de talento elaborada a partir das Ciências Naturais, um corpo estruturalmente igual a qualquer outro é transformado em um corpo extraordinário, com músculos, genes e capacidades especiais. Essa

transformação sugere a possibilidade de haver duas humanidades, uma padrão e uma especial, com *talento*.

No entanto, ao pensarmos no corpo humano, podemos dizer que é algo padronizado, isto é, são sempre os mesmos ossos, os mesmos músculos, os mesmos sistemas padrões que formam o gênero humano. Embora as pesquisas comprovem que há diferenças entre células, tecidos, e respostas orgânicas de cada indivíduo, os corpos seguem um certo padrão; e até mesmo o ser humano com *talento* possui a mesma estrutura corporal natural. Em outras palavras, por mais que os indivíduos talentosos possam ter alguma diferença corporal (quer seja inata ou adquirida) que os outros seres humanos, essas diferenças não fogem dos padrões possíveis da etnia humana.

Daolio (2001, p.32) reflete:

Afirmar que o corpo humano possui cabeça, tronco e membros ou um número definido de ossos ou uma mesma estrutura neural e celular é tão óbvio quanto inútil. Quando tentamos definir uma certa sociedade a partir de seu comportamento corporal, estamos o tempo todo falando de sua cultura, expressa no corpo e por meio do corpo.

A contribuição das Ciências Humanas, portanto, em especial da Antropologia Social, para essa discussão, é que ela permite uma ampliação do conceito de *talento*. Há, sem dúvida, um fator biológico acoplado ao *talento*. Mas também devemos incluir a questão cultural que envolve o tema.

Magnani (2001) afirma que é sempre relevante na perspectiva antropológica a relação natureza *versus* cultura e Daolio (1997) complementa ressaltando que, na Educação Física tradicional, essa relação é traduzida, em outros termos, como a oposição entre o inato e o adquirido. Quando se fala do aspecto inato, refere-se, primordialmente, ao aspecto biológico; quando se fala do aspecto adquirido, a intenção é a de ressaltar o nível sociocultural (DAOLIO, 1997).

A desvinculação entre os aspectos biológicos e socioculturais na escola está representada na classificação dos alunos em aptos ou inaptos, e o critério de classificação são as condições inatas. Nessa concepção, alguns alunos nascem bons e, então, merecem atenção dos professores e outros nascem com maiores dificuldades e, assim, serão excluídos dos times e equipes esportivas (DAOLIO, 1997).

No esporte, a desvinculação entre os aspectos biológicos e socioculturais está representada na classificação de atletas como talentosos ou não talentosos. E a mesma lógica da escola possui continuidade no treinamento de alto rendimento: alguns nascem com *talento*, e, então, irão compor equipes ou seleções nacionais, e outros nascem sem *talento* e, assim, serão excluídos do processo de treinamento. E o que classifica um atleta como talentoso ou não são as condições inatas.

Contudo, o agravante desse raciocínio e da concepção atual de *talento*, é a redução de uma questão que **também** é cultural apenas ao nível natural (DAOLIO, 1997). A relação entre a natureza e a cultura na Educação Física pode ser ilustrada a partir do seguinte exemplo:

“ (...) há um patrimônio inato no homem que precisa de alguns ajustes, a fim de que ele adquira determinadas capacidade que o habilitem a uma vida social. Há uma ordem da natureza e uma ordem da cultura, vindo a segunda se sobrepor à primeira” (Daolio, 1997, p.69).

Seguindo essa linha de raciocínio para a temática do *talento*, podemos dizer que os homens são seres biologicamente semelhantes, isto é, o patrimônio inato do ser humano, em condições normais, não se diferencia. E os atletas que surpreendem com efeitos diferentes ou muito superiores que a média são qualificados como talentos.

Contudo, há que se questionar: a diferenciação dos atletas considerados talentos está em seu corpo (em sua estrutura biológica) – que é semelhante a qualquer outro pois é do gênero humano - ou no significado cultural que o termo “*talento*” possui?

Geertz (1989, p.26) afirma que “não existem de fato homens não-modificados pelos costumes (...)”. Isso quer dizer que a cultura modifica os seres humanos, garantindo a diversidade das populações. Como a atribuição do *talento* à alguém ancora um outro significado ao seu corpo (biologicamente semelhante à qualquer outro), o conceito de *talento* possui uma ordem natural, mas, se sobrepondo à ela, há uma ordem cultural.

Para Geertz (1989), a cultura é o fator que diferencia os seres humanos dos animais, é a condição de existência dos humanos. A cultura ocorre com todos os indivíduos e em qualquer grupo social (GEERTZ, 1989). Não há sociedades sem cultura e não há cultura sem sociedades. Portanto, o conceito de *talento*, nessa perspectiva que também considera os seus fatores culturais, apenas existe porque dada sociedade o construiu.

Geertz (1989) ainda coloca que a cultura é um fenômeno plural e público, uma vez que depende da relação entre indivíduos para ocorrer e manipula significados que só são coerentes se encontrados nas condições em que foram produzidos.

Sendo assim, a discussão acerca do *talento* esportivo, a partir desse momento, partirá sempre do princípio de que sua origem advém da relação entre indivíduos de uma determinada sociedade e que seu significado é compartilhado – é público – dentro daquela sociedade. À concepção de *talento*, de agora em diante, será adicionada a perspectiva cultural do termo.

Considerando o conceito de *talento* como parte da cultura de um grupo social, é de grande valia analisar como a sociedade significa e compreende o termo. Através dessa análise podemos verificar os valores, as formas de agir e as formas de lidar com o *talento*.

Para Geertz (2003), o conhecimento pode ser sistematizado ou ser de senso comum. O primeiro tipo, isto é, o conhecimento sistematizado, é construído através de embasamentos teóricos e reflexões acadêmicas. Já o senso comum é construído através de experiências de vida, é passado por gerações familiares, e comprovado pelo próprio ambiente, não necessitando, dessa maneira, de metodologias que o certifiquem.

No primeiro capítulo, apresentamos os significados e compreensões sociais da concepção de *talento* a partir do conhecimento sistematizado, isto é, do conhecimento advindo de pesquisas, reflexões e discussões.

Rodrigues Júnior & Lopes da Silva (2008), baseados na obra de Geertz (2003), refletem acerca do senso comum. De acordo com os autores, esse tipo de conhecimento esclarece a realidade aos cidadãos, auxiliando-os a elaborarem pensamentos, planejamentos e concepções sobre o mundo ao seu redor.

Segundo os mesmos autores, Rodrigues Junior & Lopes da Silva (2008), o conhecimento do senso comum ocupa todos os espaços de convívio humano: nas escolas, nas ruas, em qualquer lugar. Sendo assim, há a possibilidade de muitas pessoas conceberem o *talento* esportivo em decorrência de experiências e vivências que tiveram, ou seja, possuírem uma concepção de senso comum do termo, como por exemplo, a concepção de *talento* como sendo sinônimo de dom.

Devemos nos atentar ao fato de que o senso comum é o pensamento mais autoritário que há. Segundo Geertz (2003), nem mesmo a religião é tão dogmática. O senso

comum se fixa na concepção dos indivíduos como uma raiz e é utilizado como explicação para qualquer ocasião: “Tenha sucesso e sempre haverá tolos para dizer que você tem *talento*”, exemplifica Maxwell (2007, p.13).

Geertz (2003) analisa algumas cinco “quase-qualidades” do senso comum a fim de “identificar, alcançar, valorizar e caracterizar sua dinâmica, além de diferenciá-lo de outros sistemas culturais como a ciência, a arte, a religião, etc.” (RODRIGUES JÚNIOR & LOPES DA SILVA, 2008, p.161): a “naturalidade”, a “praticabilidade”, a “leveza”, a “não-metodicidade” e a “acessibilidade”.

O *talento* como sinônimo de dom se enquadra perfeitamente em pelo menos três delas: na “naturalidade”, na “não-metodicidade” e na “acessibilidade”. Analisaremos cada uma das quase-qualidades que se enquadram na concepção de *talento* como um dom.

A primeira “quase-qualidade” do pensamento do senso comum é a “naturalidade”, isto é, o senso comum “apresenta temas como sendo o que são porque esta é a natureza das coisas” (GEERTZ, 2003, p.129), há uma direção óbvia a ser seguida.

Vimos, anteriormente, nos depoimentos do jogador de futebol Romário e nos depoimentos das nadadoras Olímpicas entrevistadas por Masseto et al (2007), frases que ilustram a naturalidade: “Acho que *talento* é um dom. Acho que você nasce com ele, você não adquire com o tempo” e “Quando eu nasci, Deus apontou o dedo em minha direção e disse: esse é o cara” são exemplos delas.

A segunda “quase-qualidade” do senso comum que podemos incluir na discussão sobre o *talento* esportivo como sinônimo de dom é a “não metodicidade”. Essa qualidade é o que justamente diferencia o senso comum da construção do conhecimento acadêmico: o senso comum não requer comprovação, é um saber discrepante, simplesmente uma sabedoria transmitida através de lendas, provérbios, piadas etc. (Geertz, 2003).

Por isso Masseto et al (2007) afirmam que as reflexões acadêmicas não aceitam a simplificação do termo *talento* como um dom: a origem das concepções são diferentes. Enquanto o pensamento do *talento* como um dom se forma a partir de experiências de vida, e até de provérbios, a concepção de *talento* como um ser com capacidades que otimizam um alto desempenho, advém de pesquisas, testes e reflexões.

A última “quase-qualidade” que se enquadra para refletirmos sobre a concepção de *talento* como um dom é a “acessibilidade”, isto é, a crença de que qualquer pessoa está sujeita

a captar as conclusões do senso comum, se estas “forem apresentadas de uma maneira suficientemente verossímil” de serem adotadas (GEERTZ, 2003, p.138). Em outras palavras, muitas pessoas podem passar a conceber o *talento* como um dom se essa concepção lhes soar viável: “*Talento* é um dom dado por Deus que deveria ser celebrado”, confirma Maxwell (2007, p.15).

Portanto, Geertz (2003) nos oferece subsídios para considerarmos a concepção de *talento* como sinônimo de dom pertencente a um pensamento do senso comum, o que nos auxilia a compreender como a sociedade de maneira geral explica o *talento*. E como o senso comum é compreendido pelo autor como um sistema cultural, mais uma vez podemos afirmar que o conceito de *talento* também possui forte fator cultural.

Refletindo ainda acerca da cultura de um grupo, Rubio (2001) acredita que a sociedade moderna favorece o surgimento de atitudes heróicas. Cada sociedade produz seus mitos, que são considerados manifestações culturais (GIGLIO, 2007). Como o esporte tornou-se um fenômeno massificado e espetacularizado, a exposição dos atletas na mídia aumentou, favorecendo que muitos ocupassem o lugar de heróis na sociedade (RUBIO, 2001).

Inúmeras características do atleta podem ser comparadas às características dos heróis. Rubio (2001) apresenta muitas delas, no entanto, exploraremos apenas duas, somente para ilustrar a semelhança entre o atleta e o herói.

A primeira característica, para Rubio (2001), é o isolamento e o distanciamento dos familiares, dos amigos e da sociedade. Tanto o atleta como o herói enfrentam uma jornada solitária (no caso do atleta, de treinamento) para alcançar seus objetivos.

O atleta, bem como o herói, também são capazes de mover multidões para assistirem ao seu espetáculo (no caso do atleta, seu jogo, partida, corrida etc.) e são capazes de causar comoção coletiva em caso de acidente ou morte (RUBIO, 2001).

Os atletas-heróis desempenham um papel de representação da comunidade e o seu sucesso pode ser atribuído ao fato de que eles são capazes de transpor obstáculos impossíveis de serem superados pela comunidade que os idolatram (RUBIO, 2001), tais como: fazer um duplo mortal carpado (Daiane dos Santos), se reerguer em uma maratona e chegar em terceiro lugar (Vanderlei Cordeiro), ser tri-campeão em um torneio internacional consagrado de tênis (Gustavo Kuerten).

A proximidade entre algumas características do herói e do atleta, e a análise do papel que o atleta desempenha na sociedade, nos permitem afirmar que o atleta de fato é um herói contemporâneo e esse processo de mitificação do personagem pertence à cultura de uma sociedade.

Rubio (2001, p.98) cita alguns exemplos de atletas-heróis: Adhemar Ferreira da Silva, Carl Lewis, Gustavo Kuerten, Nadia Comaneci. Esses atletas, de acordo com as concepções de *talento* apresentadas no primeiro capítulo, também poderiam ser considerados talentos, principalmente porque esses atletas atingiram elevado desempenho esportivo.

Rubio (2001) relata que muitos autores estão se dedicando a estudar o fenômeno da transformação do atleta em herói, devido ao impacto que os atletas causam na sociedade. Esses autores buscam uma taxonomia para identificar os atletas-heróis e alguns elementos chaves que os constituem são: “a capacidade de vencer e de satisfazer as necessidades do grupo, **performance extraordinária**, aceitação social e espírito de independência” (RUBIO, 2001, p.100, grifo nosso).

Vimos anteriormente, enquanto apresentávamos as inúmeras concepções de *talento* que um atleta, para se enquadrar na categoria, precisa alcançar “**altos desempenhos esportivos**” (JOCH, 2005, p.64), ou, em outras palavras, “**performance extraordinária**” (RUBIO, 2001, p.100).

Orlandi (2003) concebe as formações discursivas como tudo aquilo que pode e deve ser dito perante certa ideologia. Assim, o termo “performance extraordinária”, como remete ao feito de heróis, pode e deve soar mais poético, mais mágico. O adjetivo extraordinário está submetido à uma ideologia que mistifica o ser humano, transformando-o em herói. A supervalorização do ser humano, nesse caso, permite a poetização do seu feito, permite que se fale “performance extraordinária”.

Já o termo “alto desempenho esportivo” está submetido à uma ideologia do treinamento esportivo. Essa ideologia envolve seres humanos, e então, os seus feitos devem soar mais palpáveis, não tão majestosos. Por isso, o termo “alto desempenho esportivo” não é poético, e sim, algo mais funcional: ele é um feito de um humano e não de um herói.

No entanto, se fôssemos listar aqueles “atletas-humanos” que alcançaram um alto desempenho esportivo e aqueles “atletas-heróis” que atingiram uma performance extraordinária, podemos supor que muitos nomes estariam em ambas as listas. Dessa maneira,

podemos considerar sinônimos os termos “altos desempenhos esportivos” e “performance extraordinária”, uma vez que eles remetem aos mesmos feitos.

Portanto, seria possível acrescentar aos elementos chaves que constituem o atleta-herói a palavra “*talento*”. Para fortalecer essa afirmação, Rubio (2001, p.100) escreve que

esse indivíduo a quem nos referimos [o atleta-herói], que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares, usufrui dessa condição uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte competitivo e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem a sua situação de ídolo.

Há dois pontos chaves dessa citação que devemos salientar: o fato do atleta-herói ser identificado como um ser raro, um entre milhares, e o fato de que é uma parcela mínima da população que consegue atingir esse elevado nível de atuação.

O índice Z, instrumento de detecção de *talento* apresentado no capítulo anterior, busca um valor igual ou maior do que quatro (MATSUDO et al, 2007). Quando esse valor é atingido, acredita-se que a proporção de resultados semelhantes ao alcançado é de 1:10.000. A conclusão que se tira é que o indivíduo que atingiu esse resultado é um *talento*.

Essa pequena probabilidade de 0,01% demonstra justamente que são poucas as pessoas capazes de atingir o elevado nível de atuação dos *talentos* e, nessa perspectiva, o atleta com *talento* também é um ser raro, um entre milhares, para ser exato.

Sendo assim, não há como o atleta-herói não possuir *talento*. O herói é raro e atinge resultados extraordinários; o *talento* também é raro e atinge altos desempenhos. O herói é considerado um *talento* e o *talento* é considerado um herói.

Perante esse pensamento, podemos nos surpreender com mais uma lógica que aproxima os heróis dos atletas e os atletas dos heróis.

Se refletirmos sobre os heróis fictícios que foram criados para entreter, inspirar, divertir a sociedade com suas sagas e seus super-poderes, veremos que muitos deles possuem alterações genéticas, biológicas, que os auxiliam em suas missões.

O Super-Homem, embora de outro mundo, possui a forma humana e seus poderes básicos são a força descomunal, a velocidade (superior a qualquer coisa criada pelo homem) e a invulnerabilidade – esse herói é extremamente resistente: armas nucleares, balas de canhão, dias sem água e comida não o abalam; o Batman, forçou-se até o limite da resistência

humana, treinando seu corpo para atingir a perfeição física; e, finalmente, um grande poder da Mulher Maravilha é a sua capacidade de voar (DINI & ROSS, 2007).

É interessante notar que alguns dos super-poderes dos heróis são também os “super-poderes” dos talentos: a força, a resistência e a velocidade são as variáveis neuromotoras citadas por Matsudo et al (2007), avaliadas nos testes de seleção e detecção de *talento*.

Não é apenas coincidência que as qualidades biológicas são as preditoras do *talento* esportivo. A sociedade está organizada culturalmente de tal forma que passa a acreditar que as Ciências Naturais são a fonte de explicação para a maioria das coisas: desde a existência de super-poderes no imaginário dos criadores dos heróis até o único ou predominante fator de influência no *talento* esportivo.

O ponto chave está no fato de que, como é da cultura de nossa sociedade explicar o *talento* a partir da perspectiva biológica, essa perspectiva é, inevitavelmente, um produto cultural, o que apenas reafirma o patrimônio cultural existente em torno do termo *talento*.

Voltando nossas atenções à discussão dos atletas-talentos-heróis, concluímos reforçando que a sociedade moderna necessita de heróis (RUBIO, 2001), e então, necessita de talentos.

De acordo com Geertz (1989), o ser humano é o animal mais emocional e mais racional do que todos os outros. Essa afirmação é algo possível de ser observado em nosso cotidiano: as pessoas demonstram sentimentos e emoções ao verem filmes, ao se depararem com situações inesperadas, enfim, o tempo inteiro. Essa demonstração se dá por meio de gestos, considerados, pelo autor, “artefatos culturais”. Em outras palavras, Geertz (1989) está afirmando que as emoções também são culturais.

Sendo o ser humano o animal mais emocional do todos, Geertz (1989) discute que a humanidade necessita de imagens públicas de sentimentos. Para exemplificar a afirmação, cita as corridas de automóveis (no papel de imagens públicas), capazes de estimular “deliciosamente” o medo da morte e da destruição do corpo (os sentimentos) (GEERTZ, 1989, p.58).

Em nosso cotidiano, há inúmeras outras formas de imagens públicas de sentimentos, mas, contextualizado-as com o tema da pesquisa, *talento*, podemos dizer que os atletas heróis são possíveis de serem uma dessas imagens. Vimos, pautando-nos em Rubio (2001), que a sociedade necessita de heróis (estamos nos referindo aos atletas-heróis) porque eles

a representam de inúmeras maneiras. Bem como as corridas de automóveis são imagens públicas de sentimentos (Geertz, 1989), os atletas qualificados como talentos e/ou heróis também o podem ser: eles podem estimular emoções como, por exemplo, o medo de altura (em saltos com vara, em saltos de trampolim, em manobras em barras etc.), o medo da dor, a superação etc.

Há, dessa forma, uma possibilidade de os talentos também se constituírem como imagens públicas de sentimentos, uma vez que proporcionam inúmeras emoções na sociedade que os acompanham, tais como, a alegria da vitória, o prazer de ser consagrado, a emoção de ser famoso.

Dessa forma, podemos dizer que um dos possíveis motivos sócio-culturais do fortalecimento e da exacerbação do termo *talento* em nossa sociedade é justamente o fato de o atleta com *talento* se relacionar ao herói e este, enfim, representar uma imagem pública de sentimento.

Portanto, o referencial teórico das Ciências Humanas permite novas interpretações da temática *talento*, ampliando o conceito de *talento* para além de suas fronteiras biológicas erguidas pela tradição da Educação Física em se pautar em referências das Ciências Naturais.

4 A sintetização da concepção de talento: uma (re)leitura possível

É preciso estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho (GEERTZ, 1989).

Nesse momento do trabalho confrontaremos as duas etapas percorridas até então: a concepção de *talento* mais frequente na área (a apresentada no primeiro capítulo) e os subsídios advindos das Ciências Humanas para uma possível discussão do assunto (apresentada no segundo capítulo).

O *talento* esportivo do primeiro capítulo é concebido ou como alguém que possui um dom ou como uma pessoa que, devido principalmente a sua estrutura biológica favorável, é capaz de atingir elevados desempenhos esportivos.

Alguns autores apresentados no primeiro capítulo, embora priorizem os fatores biológicos, afirmam superficialmente que os fatores sociais, culturais e psicológicos interferem no desenvolvimento do *talento* esportivo. Contudo, apesar dessas breves menções, voltamos a afirmar, o foco das concepções de *talento* está na estrutura biológica do atleta.

Vimos, ainda no capítulo inicial, que há uma relação muito próxima entre desempenho esportivo e *talento*: na maioria das concepções apresentadas, são considerados *talentos* aqueles capazes de atingir um alto desempenho esportivo.

Gabler & Ruoff⁸ (1979 apud BÖHME, 1995, p.145) propõem um esquema que representa diversas áreas, como a escola, a família, e o treinamento e a sua influência sobre o atleta. Sua proposta é analisar essa influência em três momentos distintos: no início do treinamento sistemático; na seleção para treinamento competitivo e no alto desempenho esportivo.

⁸ GABLER, H; RUOFF, B. Zum Problem der Talentbestimmung im Sport. Rahmentheoretische Vorüberlegungen. *Sportwissenschaft*, v.9, n.2, p.164-80, 1979.

Como o *talento* esportivo é vinculado ao alto desempenho, as áreas propostas por Gabler & Ruoff (1979 apud BÖHME, 1995, p.145) que se relacionam ao desempenho esportivo interferem também diretamente no desenvolvimento do *talento*.

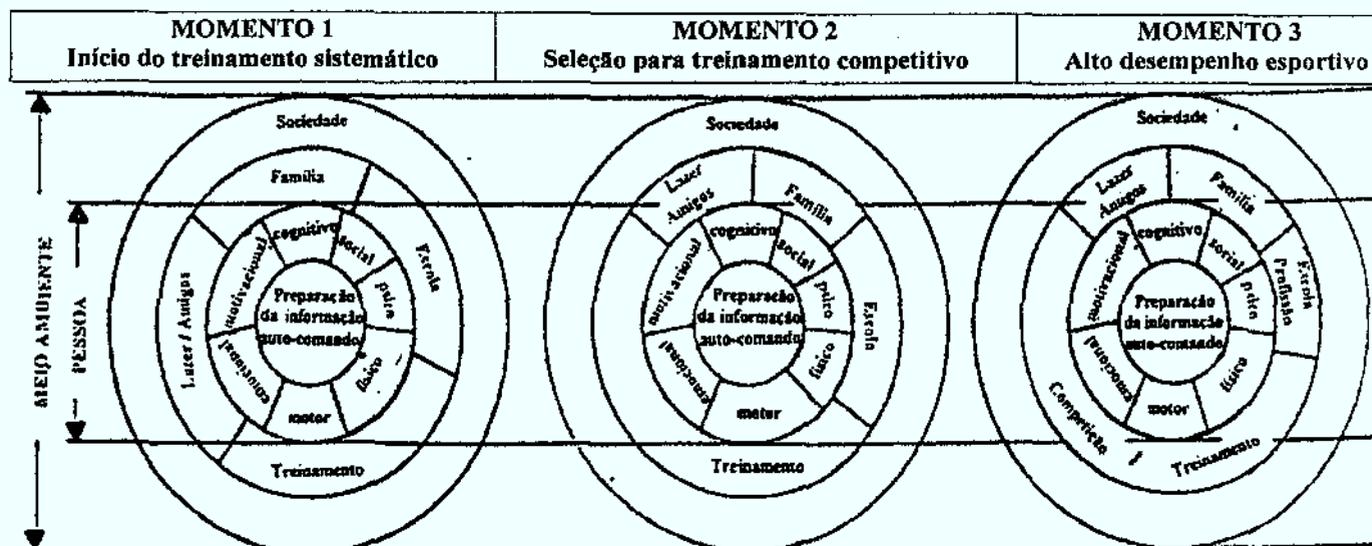


Figura 1. A influência das variáveis do meio ambiente sobre o atleta (GABLER & RUOFF, 1979, apud BÖHME, 1995, p.145).

Observa-se que nos três momentos distintos, o esquema acima está dividido em núcleos. No núcleo central há as questões referentes ao atleta (“pessoa”); no núcleo medial do esquema encontramos as questões ambientais (“meio ambiente”) - a família, a escola, o treinamento e o lazer/amigos; e, finalmente, no núcleo mais externo da representação há a sociedade.

Na análise e explicação do esquema de Gabler & Ruoff (1979), Böhme (1995, p.145) utiliza as seguintes palavras (grifo nosso):

“Nesta concepção, são levadas em consideração a pessoa (atleta), seguido de seus domínios (bio-psico-social) como componentes **centrais**, ambos relacionados com o seu meio ambiente imediato (família, escola, amigos, treinamento), e a sociedade em que está inserido, com as suas características culturais”.

Embora a autora não interprete os componentes de influência de forma hierarquizada, ou seja, embora a autora não afirme diretamente que um núcleo exerce mais

influência do que o outro no *talento* esportivo, os termos “seguido” e “centrais” permitem uma interpretação de que há uma hierarquia. O termo “seguido” indica que há algo antes dele, o que, no caso, é o atleta. Isto é, o fator que mais determina se haverá ou não *talento* é a pessoa, o atleta; logo após há a influência de seus domínios bio-psico-social.

Além disso, geralmente utilizamos o adjetivo “central” quando queremos salientar a importância do objeto adjetivado, como, por exemplo, quando dizemos “*a questão central*”, que pode ser traduzida como a questão de maior importância. Dessa maneira, poderíamos interpretar que Böhme (1995) considera que os domínios bio-psico-social, depois do atleta, possuem maior importância no desenvolvimento do *talento*.

Ou seja, todo o esquema permite a interpretação de que a questão de maior influência no *talento* esportivo é o próprio atleta. Logo em seguida, e de grande importância e/ou influência estão as questões motoras, físicas, psíquicas, sociais, cognitivas, motivacionais e emocionais do atleta. Essas questões encontram-se separadas, isto é, cada uma possui seu lugar determinado no núcleo central do esquema.

No núcleo medial encontramos as questões ambientais, que, de acordo com Matsudo (1989), interferem apenas minimamente no desenvolvimento do *talento* esportivo. Nas palavras de Böhme (1995), não há a sugestão de que o meio-ambiente exerce pouca influência no desenvolvimento do *talento*. Contudo, é possível interpretarmos que o meio-ambiente o influencia indiretamente, porque a autora Böhme (1995) escreve que as questões bio-psico-sociais estão relacionadas ao meio-ambiente e não à pessoa em si.

Ou seja, é como se houvesse uma dissociação entre a pessoa, seus domínios biológicos, psicológicos e sociais e o meio ambiente. É como se cada parte ocupasse um espaço fixo e sem comunicação.

Por último, no núcleo mais distante, que poderíamos interpretar, dessa forma, no núcleo de menor influência no desenvolvimento do *talento*, há a sociedade. Devemos refletir, primeiramente, o que pertence e o que não pertence ao núcleo “sociedade”.

Como as instituições escola e família e as práticas de lazer e amizades estão no núcleo medial do esquema, em um círculo separado do círculo da sociedade, o autor indica que os primeiros não fazem parte da sociedade. O próprio indivíduo está excluído dessa área, uma vez que se encontra no núcleo central do esquema. Portanto, podemos interpretar que a sociedade não abrange a escola, a família, o indivíduo etc.

Se a escola e a família, se as práticas de lazer e as amizades, se o indivíduo em si não ocupa o espaço reservado à sociedade, o que pertence, portanto, ao núcleo “sociedade” proposto por Gabler & Ruoff (1979 apud BÖHME, 1995)? Além disso, Böhme (1995) relaciona a cultura apenas à sociedade. Isso quer dizer que a família, a escola, os amigos, os domínios bio-psico-social do atleta e o próprio atleta não possuem ou não pertencem à cultura de uma determinada sociedade?

Não pretendemos discutir o conceito de cultura adotado pela autora, apenas queremos salientar que essa visão não compreende a amplitude e a importância das questões culturais, o que apenas comprova a pouca atenção que é dada a esse aspecto.

Voltando nossas atenções à figura, esse esquema remete à uma idéia de divisão do indivíduo em grandes núcleos, denominada por Geertz (1989) de concepção estratigráfica. Segundo essa concepção, o ser humano é composto por diversos níveis, um sobreposto ao outro, que, no entanto, não se relacionam. Cada nível é muito diferente do outro, e a análise do ser humano é feita através da remoção de nível após nível.

Geertz (1989) ainda afirma que a camada externa dessa concepção é a cultural; antecedendo-a estão as questões sociais; mais centralmente encontramos os fatores psicológicos; finalmente, no centro dos níveis encontramos os fundamentos biológicos (anatômicos, fisiológicos, neurológicos).

Essa disposição de camadas traduz a idéia de que o ser humano foi formado primeiramente por sua estrutura biológica e que, ao longo da sua evolução, foi completado pela estrutura psicológica, social e, por fim, cultural.

Daolio (2008) propõe a representação da concepção estratigráfica de Geertz da seguinte maneira:

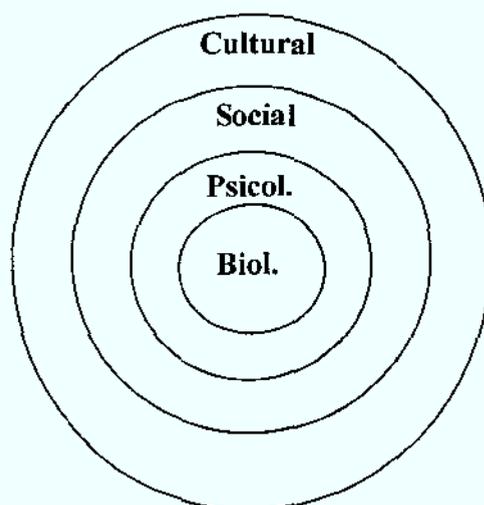


Figura 2. Conceção Estratigráfica (DAOLIO, 2008, baseado em GEERTZ, 1989)⁹.

Há grande semelhança estrutural da esquematização da concepção estratigráfica do indivíduo e das concepções de *talento* do primeiro capítulo representadas pela figura de Gabler & Ruoff (1979 apud BÖHME, 1995): em ambas o esquema é circular e há núcleos ocupando lugares determinados.

Contudo, além da semelhança estética, há uma semelhança ideológica em ambos os desenhos: o indivíduo é dividido em núcleos ou níveis; as questões sociais encontram-se em núcleos mais distantes (no esquema de Gabler & Ruoff (1979) a sociedade se encontra no último nível, e na estratigráfica, no penúltimo); e, finalmente, o nível biológico (mais destacado na concepção estratigráfica, porém, também presente na figura de Gabler & Ruoff (1979), ocupa o núcleo central dos esquemas.

Como a figura elaborada por Gabler & Ruoff (1979) representa a maioria das concepções de *talento* elaboradas por estudiosos da área (apresentadas no primeiro capítulo), podemos dizer que a perspectiva tradicional de *talento* na Educação Física pauta-se em uma concepção estratigráfica de indivíduo: o *talento* é explicado através das características biológicas do atleta, seguido dos níveis sociais, psicológicos e culturais; o meio-ambiente, a sociedade e as

⁹ Figura elaborada por Jocimar Daolio em discussões no Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC) fev/jul. 2008.

questões culturais são minimamente relevados, estudados e aprofundados (são os núcleos mais distantes do sistema).

Uma das críticas de Geertz (1989) a essa concepção é a de que a estratificação torna impossível interligar os fatores culturais aos não culturais. E, segundo o autor, para compreendermos o ser humano, temos que ultrapassar suas habilidades inatas e seu comportamento, e atingir o elo entre todos os fatores.

É preciso, para Geertz (1989), desconstruir a imagem de uma natureza humana constante, imutável, não-influenciada pelo tempo, pelo lugar, e por diversas outras coisas. Aquilo que o ser humano é, está ligado às suas idéias, aos seus costumes, ao seu contexto.

Além disso, qualquer estudo que envolva os seres humanos deve seguir essa perspectiva, pois, “se queremos descobrir quanto vale o homem, só poderemos descobri-lo naquilo que os homens são: e o que os homens são, acima de todas as outras coisas, é variado” (GEERTZ, 1989, p.37). Em outras palavras, temos que conceber o ser humano como um “homem total” (MAUSS, 2005), considerando os aspectos fisiológicos, psicológicos e sociológicos indissociáveis e presentes em todas as ações humanas (MAUSS, 1974).

Para tanto, a concepção estratigráfica pode ser substituída por uma concepção sintética, na qual “os fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais possam ser tratados como variáveis dentro dos sistemas unitários de análise” (GEERTZ, 1989, p.32).

Nessa concepção, a humanidade não se encontra dividida em níveis, mas ela é formada pela inter-relação de todos os fatores:

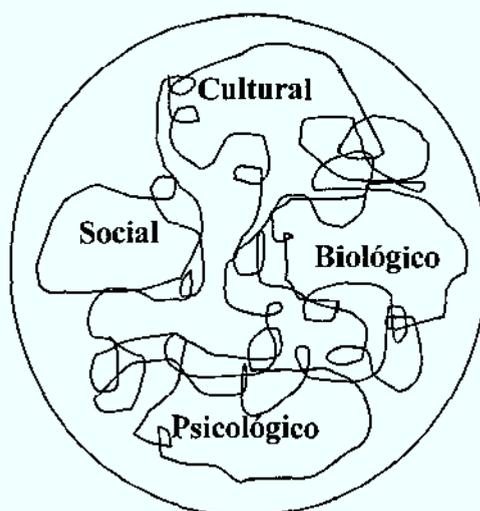


Figura 3. Concepção Sintética (DAOLIO, 2008, baseado em GEERTZ, 1989)¹⁰.

De acordo com a perspectiva sintética, em momento algum podemos negar a influência dos fatores biológicos no desenvolvimento do *talento*. Podemos, conforme fizemos, discutir a predominância desses fatores em detrimento dos culturais, sociais e psicológicos.

Permanecendo fiel à concepção sintética, apresentamos, no segundo capítulo, subsídios para uma abordagem que inclui os fatores sócio-culturais no conceito de *talento* esportivo, através da análise do conceito de *dom* como senso comum e através da necessidade da sociedade de ter os atletas-talentos, relacionando-os aos heróis.

A tentativa é a de propor uma concepção de *talento* esportivo que não reduza tudo o que o homem é apenas ao seu nível biológico. Propomos uma concepção de *talento* sintética, na qual se acredita que todos os fatores (biológicos, psicológicos, sociais e culturais) são igualmente responsáveis pelo seu desenvolvimento.

Assim como há a possibilidade de se estudar a Educação Física através das Ciências Naturais e das Ciências Humanas, também há a possibilidade de se compreender o *talento* esportivo através dessas duas grandes áreas.

¹⁰ Idem à nota anterior.

A concepção de *talento* apresentada pela maioria dos autores, atualmente, está pautada nas Ciências Naturais. Esse escopo teórico permite a interpretação de que o *talento* é algo interno ao indivíduo, está em sua estrutura biológica, em seus genes, é inato. Nessa concepção, o *talento* seria um conceito que se desloca de dentro do indivíduo para fora, para a sociedade. O indivíduo se apresentaria à sociedade como um *talento*.

Contudo, como é reconhecido de que tanto o viés biológico quanto o viés das Ciências Humanas são necessários para um maior entendimento da Educação Física (DAOLIO, 2003), defendemos, nesse trabalho, uma concepção de *talento* esportivo com respaldo nas Ciências Humanas, em especial, na Antropologia.

Em consequência disso, podemos interpretar o *talento* como um conceito com forte patrimônio cultural, criado por uma determinada sociedade para satisfazer necessidades e ilustrar valores. O conceito de *talento*, perante esse escopo teórico, é um valor de fora para dentro, ou seja, é um valor cultural da sociedade atribuído a um indivíduo (DAOLIO, 2003). A sociedade constrói o *talento* no indivíduo.

Concluimos reforçando que a concepção sintética de *talento* esportivo não exclui a possibilidade de interferência das questões biológicas no desenvolvimento do *talento* esportivo. A concepção sintética critica o enfoque e a sua predominância, acreditando que, na temática *talento* esportivo, há fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais que se inter-relacionam e que podem e devem ser discutidos e aprofundados.

O levantamento e a discussão teórica empreendidas aqui indicam que, se utilizado de maneira a contemplar conceitos e pré-conceitos sustentados por padrões métricos, musculares, ou seja, sustentados apenas em fatores biológicos, a palavra *talento* ausenta de qualquer responsabilidade as questões sociais e culturais, que, na verdade, são indissociáveis do indivíduo. Além disso, essa concepção nos faz crer que o *talento* em si não pertence à cultura de uma determinada sociedade, fato que foi contestado a partir dos subsídios sócio-culturais do segundo capítulo. Fora isso, conceber o *talento* como resultado de fatores biológicos é reduzir a complexidade do termo a apenas uma parcela de sua amplitude. Comprometidos com a Educação Física de uma população, os profissionais da área necessitam de subsídios para tratar de uma questão que se coloca na nossa cultura atual em relação ao esporte, e que tem suas origens no esporte de alto rendimento.

Referências

BENDA, R.N. A detecção, seleção e promoção de talento esportivo em uma abordagem sistêmica. GARCIA et all. **Temas atuais III: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health, 1998.

BERTUZZI, R.C.M et all. Características antropométricas e desempenho motor de escaladores esportivos de elite e intermediários que praticam predominantemente a modalidade indoor. In: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.9, n.1, p.7-12, jan./mar.2001.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998. Coleção Fazer/Lazer.

BÖHME, M.T.S. Talento esportivo II: determinação de talentos esportivos. In: **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.9, n.2, p.138-146, jul./dez.1995.

BRACHT, V. Educação física: a busca da autonomia pedagógica. In: **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**, Curitiba, v.1, n.2, p.12-19, [s.m].1989.

CAGIGAL, J.M. **José Marial Cagigal: obras selectas**. Madrid: Comitê Olímpico Español, 1996.

CARVALHO, Y. M. RUBIO, K. (Org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Coleção Livro-texto.

DAOLIO, J. Antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. CARVALHO, Y. M. RUBIO, K. (Org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

DAOLIO, J. Educação física e ciências humanas. In: **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, n.3, v.1, p.13-22, jan./jul.2003.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. Coleção polêmicas do nosso tempo.

DINI, P. ROSS, A. **Os maiores super-heróis do mundo**. Barueri, SP: Panini Books, 2007.

FRANCHINI, E. Bases para detecção e promoção de *talentos* na modalidade judô. In: **BRASIL. Ministério do Esporte e Turismo**. Brasília: Publicações INDESP, 1999. I Prêmio INDESP de literatura esportiva.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios sobre a antropologia interpretativa**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIGLIO, S.S. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007.160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

HELAL, R. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.141-55, nov.1998.

JOCH, W. **O Talento esportivo: identificação, promoção e as perspectivas do talento**. Rio de Janeiro: Publishing House Lobmaier, 2005.

KISS, M.A.P.D.M et all. Desempenho e talentos esportivos. In: **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.18, p.89-100, ago.2004. Número Especial.

MAGNANI, J.G.C. Antropologia e educação física. CARVALHO, Y. M. RUBIO, K. (Org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MASSETO, S.T. et all. Concepção de talento na percepção de nadadoras olímpicas brasileiras. In: **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.6, n.3, p.189-197. jan./dez.2007

MASSETTO, S.; BÖHME, M.T.S.; De ROSE JUNIOR, D. Variáveis psicológicas e sua importância na detecção, seleção e promoção do talento esportivo. SIMPÓSIO

INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE: atividade física construindo saúde, 26, 2003. Anais. São Paulo: CELAFISCS, 2003.

MATSUDO, V.K.R. O mapa do talento. In: **Revista Boa Forma**. São Paulo, v.25, n.7 p. 64, jul.1989.

MATSUDO, V. et all. Há ciência na detecção de talentos? In **Diagn Tratamento**, São Caetano do Sul v.12, n.4, p. 196-199, [s.m]. 2007. Disponível em: [http://www.celafiscs.org.br/downloads/RDT12\(4\)987_p196-9.pdf](http://www.celafiscs.org.br/downloads/RDT12(4)987_p196-9.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, 2v.

MAUSS, M. **Ensaios de sociologia**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MAXWELL, J. **Talento não é tudo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios & procedimentos**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PAES,R.R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

RODRIGUES JÚNIOR, J.C; LOPES DA SILVA, C. A significação nas aulas de Educação Física: encontro e confronto dos diferentes “subúrbios” de conhecimento. In: **Pro-Posições**. Campinas, v.19, n.I(55), p.159-172, jan./abr.2008.

RUBIO, K. **O Atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo**. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SILVA, M.L; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? In: **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, São Paulo, v.3, n.3, p.69-76, jul/dez.2003.

SILVA, D.V.C.D. **Análise do desenvolvimento de conceitos científicos sobre a teoria da evolução das espécies em alunos do ensino médio**. 2004.160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São

Carlos, 2004. Disponível em: <
http://www.btdt.ufscar.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=297>. Acesso em 04.set.2008.

SKINNER, B.F. Contigencies of Reinforcement. **Os Pensadores nºLI**. São Paulo: Abril, 1975.

TAMBUCCI, P.L. O Esporte e a comunicação. In TAMBUCCI, P.L; OLIVEIRA, J.G.M;
SOBRINHO, J.C. **Esporte & Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

TUBINO, M.J.G. Esporte, política e jogos olímpicos. In TAMBUCCI, P.L; OLIVEIRA, J.G.M;
SOBRINHO, J.C. **Esporte & Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.